

"ORGULHO ALÉM DA TELA": UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES LGBTQIA+ NAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS

Jardel Pereira da Trindade

Licenciado em História e Especialista em Educação e Políticas Públicas (UEPB/CH).

jardelhistoriach@gmail.com

*SIMPÓSIO TEMÁTICO Nº V – ARTE, PROCESSOS DE CRIAÇÃO E DIVERSIDADE
DE GÊNERO*

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de discutir a cerca de como a homossexualidade e a figura homossexual foi retratada por anos na história a iniciar na década de 70 da televisão brasileira até esta segunda década do século XXI. Como objeto desta discussão temos como fonte o documentário “Orgulho além da tela” disponível no serviço de streaming da Rede Globo de Televisão. Nesta obra audiovisual é possível realizar inúmeras críticas no que se refere às identidades retratadas nas telenovelas brasileiras, perceber as desconstruções, continuidades e discontinuidades no sentido da representação da orientação sexual em personagens marcantes da dramaturgia. Para tanto, utilizaremos uma abordagem interdisciplinar que reúne diversos estudos e conhecimentos de diversas áreas das ciências humanas (sociologia, filosofia, história) para desvendar esta evolução ou não da maneira de mostrar os gays e outros LGBTQIA+ nas telas a milhões de brasileiros diariamente através da televisão. Assim, identificamos que alguns estigmas se perpetuam, enquanto outros sofrem mudanças no contexto que a sociedade não mais os aceitam, perceberemos também, como as redes sociais influenciam no contexto atual o delinear de determinados personagens.

Palavras-chave: Orgulho além da tela, Telenovelas, Representações, LGBTQIA+

ABSTRAT

This work aims to discuss about how homosexuality and the homosexual figure was portrayed for years in history starting in the 70s of Brazilian television until this second decade of the 21st century. The source of this discussion is the documentary “Pride beyond the screen” available on Rede Globo de Televisão's streaming service. In this audiovisual work, it is possible to carry out numerous criticisms regarding the identities portrayed in Brazilian soap operas, perceiving the deconstructions, continuities and discontinuities in the sense of the representation of sexual orientation in striking characters in the dramaturgy. Therefore, we will use an interdisciplinary approach that

brings together several studies and knowledge from different areas of the human sciences (sociology, philosophy, history) to unravel this evolution or not in the way of showing gays and other LGBTQIA+ on screens to millions of Brazilians daily through the television. Thus, we identified that some stigmas are perpetuated, while others undergo changes in the context that society no longer accepts, we will also notice how social networks influence the design of certain characters in the current context.

Keywords: Pride beyond the screen, Soap operas, Representations, LGBTQIA+

INTRODUÇÃO

“Representatividade na tevê os LGBTQIA+ possuem, falta proporcionalidade” (Silvero Pereira).

Dentre todos os meios de comunicação atualmente, um dos que permanecem afetivamente na sociedade é a televisão, esta conseguiu sobreviver à popularidade das redes sociais. Todos os dias a população nos quatro cantos do país se informa, se diverte e tem entretenimento através das telas.

Produtos comerciais da televisão brasileira, as telenovelas possuem público cativo e abordagens sociais de extrema importância. Esses programas televisivos retratam histórias que se identificam com as vidas dos públicos que as assistem diariamente.

Temas bastantes sensíveis às comunidades são abordados e criticados nestes folhetins que os representam com objetivos implícitos e explícitos. Suicídio, orientação sexual, drogas, violência doméstica, são exemplos de enfoques dados nas tramas novelísticas.

Pensando nisso, este trabalho irá abordar as representações LGBTQIA+ nas telenovelas brasileiras, em especial da Rede Globo de Televisão a partir da década de 70. Como produto desta análise nos baseamos no documentário autocrítico produzido pela mesma empresa denominado “Orgulho Além da Tela” (2021)¹. Trata-se de um documentário original frutificado a partir de imagens de arquivo e depoimentos de atores e atrizes da Globo que representaram LGBTQIA+ de 1970 até 2021, dividido em três capítulos e comercializado pelo serviço de streaming da empresa.

¹ **ORGULHO ALÉM DA TELA.** Direção Rodrigo Rocha, Antonia Prado, Rafael Dragaud **Roteiro:** Lalo Homrich, Isadora Wilkinson, 2021: **Episódios:** O início do Orgulho na tv / Apenas Um beijo / A tv é pra todes.

Nesse sentido iremos compreender como foi gestada essas representações da diversidade em algumas obras da televisão, quais as perspectivas dos atores/atrizes que estavam encabeçando os papéis, quais as visões do público que as assistiam, e quais as mudanças e continuidades que aquela representação trouxe para indivíduos da sociedade civil.

METODOLOGIA

Este trabalho está assentado em um conceito bastante difundido dentro das inúmeras vertentes da História: as representações. A história cultural enquanto campo de abordagem e conhecimento histórico trata das narrativas e representações construídas pela sociedade (BURKE, 2008).

Os métodos de análise variam de acordo com as fontes, estas em nosso caso específico temos o audiovisual. Esse tipo de obra é construído geralmente com algum objetivo. Estas representações presentes no documentário partem do pressuposto que existe uma inspiração para existirem, desta forma, representar não é mais o real, mas uma construção feita a partir dele (PESAVENTO, 2007).

Do ponto de vista da literatura utilizamos como fontes Erving Goffman, Guacira Lopes Louro, Rogério Diniz Junqueira, entre outros para facilitar a compreensão dos fenômenos que envolvem a sexualidade e a diversidade representadas na televisão através desta obra audiovisual.

O documentário dividido em três partes foi examinado a partir da ótica dos estereótipos e estigmas. Estas características irão delinear a nossa análise para compreender determinados pontos a cerca da diversidade social e entender como algumas representações mudaram ao longo da História no que se refere às questões relacionadas a gênero e sexualidade na televisão.

“O INÍCIO DO ORGULHO NA TV”: A origem da representatividade e suas respectivas faces

A novela de Dias Gomes *Assim na terra como no céu* (1970), escrita e apresentada em plena ditadura militar pela Rede Globo de Televisão teve parte de seu roteiro censurado e a temática gay teve que ser diminuída de maneira que não passasse

percebida aos olhos da repressão institucional. Ary Fontoura foi o primeiro ator a representar um homossexual na TV. Seu personagem Rodolfo Augusto representava a homossexualidade, mas para o público não ficava claro a orientação sexual dele. Quando a novela foi ao ar, tomava-se bastante cuidado com a abordagem pelo fato do movimento LGBTQIA+ ser perseguido pelos militares na ditadura.

Diversos produtos artísticos foram censurados a partir de 1970, um caso semelhante é a canção intitulada “homossexual” de Luiz Ayrão, esta foi banida sob o “lacônico argumento de que a divulgação do homossexualismo² é proibida pela lei censória”, (QUINALHA, p. 110, 2017), esse fato demonstra como o Estado Brasileiro foi opressor ao se tratar da homossexualidade.

De 1970 a fins da década de 1990, diversas formas de representar a diversidade foram cunhadas pelos autores/as de telenovelas. Era comum perceber papéis caricatos, pejorativos e na maioria das vezes eram apresentados homens e mulheres com “problemas” especialmente os que desvirtuam da heteronormatividade.

Para Guacira Lopes Louro (2007, p.247) “as formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura”. Em *O Rebú* (1974) e *Dancing Days* (1978), a homossexualidade era representada pela comicidade como forma de ocultar para a sociedade o modo de vida daqueles personagens, desta forma, o fazer rir mascarava uma característica humana que não era bem aceita pela população.

Desta maneira, entende-se a clandestinidade e a censura como principais elementos utilizados para representar a homossexualidade. Nesse sentido, é importante ressaltar que mesmo caminhando para uma abertura de concepções na tevê no que se refere a gênero e sexualidade essa maneira de representar parece-nos confusa no sentido de que havia a representatividade, mas ninguém podia dizer que era, perde-se assim o valor desse tipo de enfoque.

Até 1988, não havia nada explícito na televisão que denota-se relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Foi quando na telenovela *Vale Tudo* (1988), o autor Gilberto Braga decide por colocar um casal bem sucedido de mulheres lésbicas na história, esse feito deixou a população estarecida, e na história as duas não terminaram

² À época esse era o termo utilizado as pessoas que se envolviam afetivamente com o mesmo sexo. Atualmente se utiliza o termo homossexualidade.

juntas. Segundo os criadores, no roteiro estava previsto a separação e, além disso, negam que tenha sido pressão do público brasileiro por desfazer esse romance lésbico no folhetim (REDE GLOBO, 2021).

Em 1990 a Organização Mundial da Saúde-OMS reconheceu a homossexualidade como não sendo uma doença, este marco parece ter trazido novos ares para as histórias apresentadas na tevê pela ficção. Os personagens LGBTQIA+ embora ainda com caráter humorístico, pareciam ser mais consistentes em suas tramas. Um exemplo disso foi em *Renascer* (1993), a atriz Maria Luisa Mendonça interpretou a personagem Buba que era Intersexo, na época o verbete utilizado era hermafrodita que entrou em desuso por ser pejorativo e desrespeitoso. A própria atriz diz que sofreu preconceito pelo seu papel na televisão, o público que assistia não compreendia o que ela [personagem] era na realidade.

A partir de 1995, vemos crescer nas novelas gays, lésbicas, bissexuais, etc. Em *Próxima Vítima* (1995) havia um casal gay interracial, que fugia dos estereótipos da época, dois homens trabalhadores e estudiosos que não causaram tanto espanto na população como em 1998 em *Torre de Babel* onde um casal de lésbicas foi responsável pela baixa audiência da novela. As atrizes eram chamadas de “sapatão” nos bastidores como maneira preconceituosa de denominar mulheres que se relacionam com mulheres, mesmo as atrizes sendo heterossexuais.

Silvio de Abreu, autor de *Torre de Babel* (1998) se refere às suas personagens como “mortas pelo preconceito” (GLOBO, 2021), pois elas foram mortas na novela por não agradar parte da sociedade. Assim percebemos que o público mais conservador dita as maneiras e representações de personagens, ou seja, se são bem aceitos permanecem, e caso desagradem são cortados, isto revela como o mercado publicitário influencia a produção de determinados programas na televisão.

A PEQUENA EVOLUÇÃO LGBTQIA+ NAS NOVELAS A PARTIR DOS ANOS 2000 E SUAS CONTROVÉRSIAS

A partir das movimentações de inserimento de histórias LGBTQIA+ nas telas desde 1970, mesmo com todas as críticas citadas na seção anterior, se caminhou paulatinamente para uma abertura gradual e mais aceita pelo público desse tipo de relacionamento numa novela.

Na medida em que os movimentos sociais se articulavam ganhando mais dimensões, a população consumidora deste tipo de conteúdo passava por uma mudança de mentalidade, embora ainda não fosse a maioria. Até então não existia beijo entre pessoas do mesmo sexo, famílias constituídas, etc.

Em *Mulheres Apaixonadas* (2003) o grande público torcia pelo casal de lésbicas interpretado por Alinne Moraes e Paula Picarelli, no entanto não aceitavam que houvesse beijo entre pessoas do mesmo sexo. A TV Globo utiliza um mecanismo de pesquisa para saber qual a aceitação dos telespectadores frente determinadas tramas, isto serve como norteador do desenrolar de alguns personagens. O resultado desta consulta é que quem assistia à novela aceitava que o indivíduo “saísse do armário”, mas que não demonstrasse isso³. Desta forma, o que muda em relação às personagens rejeitadas em *Vale Tudo* (1988) e *Torre de Babel* (1998) se elas eram menos expostas que a partir dos anos 2000?

A grande repercussão da abordagem da diversidade sexual e de gênero ocorreu em *América* (2005) produzida por Glória Perez, e esta merece especial atenção. Os jovens Zeca e Júnior interpretados por Erom Cordeiro e Bruno Gagliasso viviam a sexualidade conturbada do interior e em um ambiente extremamente conservador.

Representados como homossexuais “discretos”, ou seja, claramente não havia na imagem nenhuma associação à sexualidade deles, mas no desdobrar da trama acontece um romance entre eles. Assim vemos uma reviravolta no que se refere à construção de personagens que possuíam todos os elementos para continuar com a mesma trajetória de seus antecessores, ou seja, serem representados às margens.

Pareceu uma tentativa frustrada da direção da novela desconstruir algo que historicamente foi construído por eles mesmos, a tentativa de mudar conceitos pré-estabelecidos de forma errônea é positiva, no entanto, mais uma tentativa de mostrar um beijo entre homens na televisão foi impedida mesmo tendo sido gravada a cena exibida foi cortada no momento exato.

Gloria Perez no documentário se disse indignada, pois ela havia escrito o beijo e o mesmo não aconteceu pelo menos aos olhos dos telespectadores que estavam, segundo ela aguardando esse beijo por muitos anos.⁴ Em reunião a alta cúpula de

³ Disponível em <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/publico-aprovou-lesbicas-de-mulheres-apaixonadas-em-2003-mas-nao-queria-beijo-41290>> Acesso em 16 de novembro de 2021.

⁴⁴ O último capítulo de *América* (2005) rendeu 66 pontos no ibope.

diretores e publicitários revisaram as cenas entre Zeca e Júnior e decidiram por não exibí-las. Inclusive a autora foi criticada como se ela tivesse culpa, porém mais uma vez o mercado fez imposições que foram acatadas pela direção.

Paraiso Tropical (2007) e *Duas caras* (2007) inovaram ao mostrar casais homossexuais independentes e estruturados, longe de estereótipos e caricaturas, além de triângulos amorosos. Estas novas configurações representam avanços em se tratando da diversidade, mas tentam passar uma naturalidade que parece forçada, pois estes casais não se tratam com o mesmo carinho que casais heterossexuais na novela, dessa forma deve-se pensar até que ponto a naturalidade está sendo bem exposta.

O ano de 2011 trouxe em uma novela apenas diversos personagens LGBTQIA+, estamos falando de *Insensato Coração* de Gilberto Braga. Esta novela apostou em mesclar diversas facetas: o outro lado da ignorância e preconceito, crimes LGBTfóbicos, romances, assassinatos, etc. e foi emblemático pois neste ano não se falava em criminalização da homofobia, e vemos isto como uma forma de exposição, de falar para a sociedade que os sujeitos LGBTQIA+ tem direito a segurança e a existir visto que a novela das 9h é o programa mais assistido da televisão.

Para Rogério Diniz Junqueira (2013, p.484), a homofobia é classificada como fenômeno “[...] social relacionado a preconceitos, discriminação e violência contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade”.

Ainda em 2011, a novela *Fina Estampa* representava como núcleo de humor o personagem Crô, interpretado por Marcelo Serrado. Embora bastante criticado pelos estereótipos de homossexual frágil e debochado, a imensa maioria da população gostava do personagem. Estes estereótipos expõem as dinâmicas sociais no que se refere a gênero. Se por um lado os homossexuais afeminados não são aceitos por uma grande parcela conservadora, o humor que foi dado ao Crô o fez ser menos bombardeado no que se refere às críticas, no entanto os diversos segmentos sociais não se sentiram representados pelo personagem.

Uma característica citada no documentário se refere à temporalidade de uma obra audiovisual, neste caso específico de *Fina Estampa* (2011) tanto o autor como o ator que fez o Crô, dizem repensar a maneira de abordagem do personagem em 2021, o

que demonstra que a sociedade possui consciência sobre alguns elementos e que as telenovelas podem influenciar de maneira positiva ou não a vida real.

Apenas em 2013, Walcir Carrasco aposta em famílias diferentes e constituídas, as relações de pai e filho em conflito com uma orientação sexual diferente da heteronormativa, e romance homossexual, trata-se de *Amor à vida*. A primeira novela a exibir um beijo entre dois homens ficou marcada na história das artes brasileiras, com comemoração no último capítulo em diversas cidades brasileiras, o próprio autor sofreu pressão popular para que houvesse um beijo entre Félix (Mateus Solano) e Nico (Thiago Fragoso).

Todo esse alarde fazia revelar uma mudança de concepções a cerca do romance entre iguais, ou só parecia. Em *Babilônia* (2015) um beijo entre duas mulheres da terceira idade no primeiro capítulo gerou um verdadeiro conflito nos bastidores da emissora. Os telespectadores não aceitaram ver aquela cena e toda a novela foi boicotada, afetando todos os núcleos da história.

Embora as novelas oportunizem a abordagem de diversos assuntos fica claro que ainda não estamos vivendo a naturalização da diferença. Por mais que se caminhe para isso, o conservadorismo ainda predomina na televisão, as brechas que acontecem são fruto da luta e da resistência e do direito de existir que por vezes são invisibilizados.

IDENTIDADE DE GÊNERO COMO DISCUSSÃO NAS NOVELAS

Apesar de parecer um tema ainda bastante conhecido pelo público massivo que acompanha telenovelas, a identidade de gênero desperta diversas inquietações no que se refere a uma elucidação, ainda parece algo incompreensível ou relutante de ser desvendado e aceito como algo natural ao ser humano.

A “identidade de gênero” se refere ao gênero de identificação que cada indivíduo se reconhece, as formas de identificar e ser identificado como homem ou mulher.

Em 1989, a novela *Tiêta* apresentava ao Brasil uma figura transexual inspirada em “Rogéria” que era bastante amiga da personagem principal. Segundo Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares (REDE GLOBO, 2021), o texto era bastante didático e sem nenhum espectro que dificultasse a compreensão da forma de viver daquela pessoa. Eles lembram que quando começou a novela as pessoas ficaram um pouco chocadas, mas

depois aceitaram a presença dela sem grandes alardes, embora a década de 80 tenha sido marcada pela alta discriminação de pessoas LGBTQIA+ nos diversos âmbitos sociais.

De certa forma “Tiêta” tentou naturalizar que as pessoas vivam suas maneiras de amar da forma que lhes quiserem e se sentirem a vontade, por mais que não tenha sido um personagem profundo em seu texto, abordou a transexualidade com normalidade e naturalidade. Para Goffman (1988), estudioso dos estigmas sociais na Sociologia, independente do estigma, sempre haverá um grupo que compartilha desses sentimentos que faz o sujeito portador do estigma uma pessoa “normal”, estes grupos de pessoas podem ajudar na aceitação e no entendimento da humanidade da pessoa enquanto estigmatizada, é o que o sociólogo define de “informados”.

Em 1995, Gloria Perez em *Explode Coração* também ousou em escrever uma personagem trans. Nesta época não existia essas designações transexual e travesti o que gerava bastante dilema sobre a personagem, pois as pessoas não compreendiam o que se tratava. Além disso, os estereótipos que cercavam pessoas transgênero e transexuais eram sempre da marginalização, esta personagem se diferenciava por se dar ao respeito e por vezes entrar em violência física com quem a tentasse diminuir por ser uma mulher trans.

A primeira transexual oficial e explícita das novelas foi Ramona interpretada por Claudia Raia em *As filhas da Mãe* (2001). Silvio de Abreu, autor, conta que mudar de sexo era algo inconcebível numa trama novelística e para mexer ainda mais com o público fez um homofóbico se apaixonar por esta personagem na história. Vemos com muita importância a perspectiva da abordagem transexual num programa que tem visibilidade enorme, pois assim ajuda a desconstruir estigmas e estereótipos causados pela desinformação, pois entendemos que se não falamos do preconceito estamos invisibilizando o problema e sendo coniventes com ele. Esse processo é descrito na sociologia como

“Processo por meio do qual se tornam implícitos formas de opressão e de expansão dos códigos sociais e morais. Pessoas que constroem suas identidades associadas a tais códigos tendem a ter aspectos de suas identidades ocultados em determinados âmbitos sociais (principalmente em espaços de poder e visibilidade) e até mesmo não aparecerem como sujeitos ou, ainda, aparecerem de forma parcial/ inferiorizada” (PRADO; MACHADO; 2008, p.141)

Para compreender essa análise faz-se necessário acentuar o que é um estigma. Do ponto de vista crítico e sociológico de Goffman (1988) ser estigmatizado é possuir

uma característica incomum, que foge da normalidade, onde na pessoa é depositada todo descrédito e diminuição, incapacidade de realizar o que um não estigmatizado faria. Esse estigma pode revelar uma fraqueza, defeito, ou desvantagem.

Em 2014, *Império e Geração Brasil* decidem por expandir e interseccionalizar temas bastante relevantes na perspectiva da inclusão, trans/travesti negros, embora estereotipados e criticados por não acrescentar nenhum discurso de empoderamento como foi o caso de Xana (Ailton Graça) em *Império*, a forma de representar ainda é considerada um marco na dramaturgia por utilizar tabus da sociedade na ficção.

Em termos de significância de personagem e construção de papéis, “*A força do Querer*” (2017) fez uma reflexão profunda ao mostrar a transição de Ivana para Ivan. À época, o fato de não ser um ator transgênero para interpretar gerou diversas críticas a autora que se defendeu dizendo que se fosse alguém já transformado não surtiria o efeito da proposta do personagem que era mostrar como acontece a mudança, os conflitos externos e internos fisicamente e psicologicamente nos indivíduos no sentido de se reconhecer e se auto afirmar.

Levar às telas um homem transgênero gay é refletir sobre a diversidade, sobre a inclusão, representar um público diverso que acompanha a telenovela e pode enxergar por vezes a sua história.

A grande sociedade pode pensar que não seja tão relevante esses temas e abordagens por que não vai resolver os problemas sociais, mas vindo pelo lado positivo, aquelas cenas vão chegar nas escolas, nos bares, parques, muitas pessoas terão acesso a informações que não tinham até aquele momento e possuíam visões totalmente distorcidas do que de fato é ser transgênero cisgênero, gay, lésbica, travesti, intersexo etc.

A Dona do Pedaco (2019) de Walcir Carrasco, mostrou Britney, transexual que a família aceita e ama, que possui um emprego fixo, é respeitada pela patroa e se casa com um homem cisgênero. Percebemos nesta obra diversas contribuições sociais no que se refere a discussões bastante recorrentes no meio social. Vemos que o indivíduo transexual é representado como pessoa que tem direitos sociais iguais a qualquer cidadão, que pode viver naturalmente e deve.

Mais de 200 personagens LGBTQIA+ existiram nas tramas novelísticas e revelam a importância da luta e resistência da diversidade sexual e de gênero que engajadas buscaram seu espaço, embora ainda não da forma como deveria ser, mas

paulatinamente abrindo espaços para mais histórias que contem a vida de todos/as, a televisão é da diversidade, como cita Silvero Pereira, “representatividade na tevê os LGBTQIA+ possuem, falta proporcionalidade” (REDE GLOBO, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois dessa linha do tempo no que se refere a como a diversidade de gênero foi apresentada no Brasil através das telenovelas, fica claro algumas questões intrínsecas que culminaram nesta nossa análise.

A temporalidade é fator decisivo na abordagem e a forma de representação é afetada pelo tempo e o contexto social a que está inserido. A pauta LGBTQIA+ começou nas telenovelas como sem dada a relevância que o personagem merecia, no entanto abriu espaço para que viessem outros em obras distintas.

A partir de 1980, os papéis ainda eram subalternos e cômicos como forma de esconder a característica da diferença da sociedade, ou uma tentativa de serem mais aceitos. Então, o homossexual não tinha nenhuma relação afetiva e amorosa com outra pessoa, que é de fato, contraditório se a intenção era incluir na sociedade os “diferentes”.

Fica bastante claro, que o mercado publicitário começou a interferir nas histórias a partir dos anos 2000, visando afetar a economia no que se refere aos valores do produto comercial que é a telenovela, resolveram por diversas vezes censurar casais homoafetivos, como em América (2005), buscando não afetar o mercado conservador e as famílias heteronormativas telespectadoras.

Estereótipos eram a marca carimbada de telenovelas ao apresentar gays. Os homens homossexuais não eram tratados com naturalidade e o público sempre criticava se fosse afeminado demais, ou sério ao ponto de “não parecer gay”, este elemento denota uma dualidade de concepções aos estereótipos de gênero.

A partir da segunda década do século XXI, a abordagem revolucionou no sentido de provocar o público. Com as redes sociais as críticas e elogios aumentaram o que causava respaldo ou *feedback* aos autores, negativos e positivos. Foi incluído a homofobia, a transexualidade, identidade de gênero, casamento entre pessoas do mesmo sexo, configurações de famílias diferentes dos modelos heterossexuais, etc.

Dessa forma, a mudança de representação é nítida na televisão ao ser abordado a perspectiva LGBTQIA+, embora em alguns casos ainda permaneça alguns estigmas, estereótipos, mas sempre nos lembrando da luta e resistência que foi trazer papéis assim para a tevê que sempre foi relutante no seu início, representa uma trajetória de rompimento, e sobretudo, de novas concepções, o poder dos meios de comunicação é exatamente este, de fortalecer ideias, desconstruir e sobretudo promover mudanças.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **O que é História cultural?**. Tradução Sérgio Goes de Paula. – 2. Ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, Ed. 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada. Tradução Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do Armário**: A normatividade em ação Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: das afinidades políticas às tensões teórico metodológicas. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3ª Edição 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: A hierarquia da invisibilidade. — São Paulo : Cortez, 2008.

PUPPIN, Andrea Brandão. **Da atualidade de Goffman para a análise de casos de interação social**: deficientes, educação e estigma. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 80, n. 195, p. 244-261, maio/ago. 1999.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). Tese de doutorado. São Paulo, 2017. P. 329.

TV GLOBO. **ORGULHO ALÉM DA TELA**. **Direção**: Rodrigo Rocha, Antonia Prado, Rafael Dragaud **Roteiro**: Lalo Homrich, Isadora Wilkinson, 2021: **Episódios**: O início do Orgulho na tv / Apenas Um beijo / A tv é pra todes.